

Marisol Penharol e a suicida da Recoleta



Marisol Penharol e a suicida da Recoleta

Roberto Cassano

Esta é uma novela-policia-mexicana ambientada na Argentina.
Prepare-se para fortes emoções. E muitos nomes duplos.

Roberto Cassano

Marisol Penharol estacionou o Escort Guarujá conversível vermelho bem em frente ao número 77 da calle Ortega. Conferiu o endereço na mensagem que havia recebido pelo celular Nokia prateado. “Enigmática...”, pensou. Dizia apenas o endereço, um apartamento no vigésimo andar da construção, e um convite: “veja-me morrer”.

Em geral Marisol era chamada depois que alguém morria, não antes. Isso a deixou curiosa. Curiosa demais para perceber que estava para cair em uma armadilha.

Aproximou-se da entrada do aristocrático edifício. O porteiro, emigrante de Punta del Este chamado Severino, perguntou: “¿Donde vás?”. “À cobertura 201”, respondeu Marisol Penharol, guardando o celular na bolsa Victor Hugo e abrindo, num rápido movimento de mãos, o leque bordado a ouro comprado durante uma investigação em Sevilha.

O porteiro indicou o elevador, com um sorriso malicioso na face. “Una de las chicas de Manolo...”, Marisol ouviu Severino dizer para si próprio, como quem cantarola Carlos Gardel sem se dar conta do porquê.

Marisol atravessou o hall de paredes com adereços em gesso e alto-relevo, espelhos e um tapete vermelho impecavelmente limpo. O elevador chegou e rapidamente a deixou no andar pedido. Apenas uma porta. Um apartamento por andar. Quatro quartos, duas suítes. Vista permanente para o cemitério da Recoleta. Indevassável. Tapete Tabacow, importado do Brasil. O olhar astuto e atento de Marisol registrava todos os detalhes.

Tocou a campainha. Não obteve resposta. Bateu levemente na porta com a mão enluvada e, para sua surpresa, a

madeira deslizou suavemente, revelando a sala de visitas. Ajeitou o chapéu e o salto alto, e pendurou a bolsa Victor Hugo no ombro. Entrou. A sala era ricamente decorada, aristocrática. Havia um quê de ultrapassado no ar, um ar de paridade cambial perdida. Talvez as cabeças de alce empalhadas na parede, talvez os tacos de golfe no canto da lareira, talvez o retrato de Maradona na revista ¡Olé! sobre a mesa.

Ao final da sala estendia-se uma longa varanda, e dois corredores, à direita e à esquerda, levavam para os quartos e para a cozinha, respectivamente. Ouviu uma suave canção, um tango, vindo dos quartos. Para lá se dirigiu. Encontrou uma mulher, de costas para a porta, no maior dos aposentos. Era bonita. Ruiva. Lembrava Greta Garbo nos bons tempos. Sem se virar, ela disse: “Você demorou, Marisol Penharol. Ficou presa em algum pannelaço?”

— Por que me chamou? Quem é você? — já pressentindo que em breve estaria em apuros, Marisol começou a revirar os batons, ruges e escovas na bolsa Victor Hugo em busca de sua arma.

— Você vai saber logo. Na gaveta tem tudo o que você precisa. Pero no puede alguien como yo dejar mi invitada a esperar. Está na hora de cumprir o prometido. ¡Adiós!

Dito isto a mulher abriu a grande janela à sua frente, subiu no parapeito e pulou, antes que Marisol pudesse fazer qualquer coisa. Vinte andares. Queda livre. Não havia dúvida, ela estava morta.

Marisol abriu a gaveta do criado mudo. Recortes e mais recortes situavam a suicida como uma grande dama da sociedade: rica, ex-mulher de um próspero empresário que

havia fugido para Miami com a secretária. Enquanto lia percebeu uma luz piscando no interior da gaveta. Era o celular da altiva emergente portenha. Verificou as últimas chamadas. A mais recente tinha pouco mais de dez minutos. E tinha sido para a polícia.

Marisol Penharol, a detetive mais valorizada de Buenos Aires, havia caído em uma armadilha.

* * *

Marisol aproximou-se da janela, ocultando-se atrás da cortina de tecido francês e design italiano. Pôde perceber o corpo, esparramado pela calçada. E ouviu as sirenes dos carros da polícia se aproximando e parando, quando os carros eram estacionados atrás e na frente de seu Escort Guarujá vermelho conversível.

Pensou em fugir, mas sabia que não podia. “Sou uma defensora da Justiça. Estoy do lado deles. Lutei contra el corralito. Torci pela Alemanha na final da Copa. Ajudei Betty, a feia, a retomar o que era seu. Preciso perder con dignidad.”

Abriu a bolsa Victor Hugo. Guardou rapidamente uma revista Caras, edição especial da riqueza. Já ouvia o ecoar de passos subindo os vinte lances de escada. Retocou o batom, o rímel, o pó-de-arroz. Passos rápidos, e cada vez mais próximos. Escovou as madeixas ruivas. Passos na porta de entrada. Arrumou o filó negro do chapéu cobrindo-lhe parcialmente a face. Passos na sala de estar, próximos às cabeças de alce e à foto do Maradona. Estava pronta.

O oficial da polícia entrou no quarto de arma em punho, seguido por quatro homens. Deteve-se, congelado no tempo como se alvejado subitamente por uma flecha envenenada. Deixou a arma cair de sua mão, chocando-se ao solo com um baque surdo. Marisol ergueu os olhos e procurou os do oficial. Tremeu. Era quem ela temia. Era Marcelo Alfonso.

— Marisol Penharol? Imaginava encontrar qualquer um aqui, menos você!!! Por quê, Marisol Penharol, por quê? — bradou, sem se preocupar em deter as lágrimas furtivas que escorriam por sua bochecha rosada e encharcavam o longo bigode.

— Sou inocente, Marcelo Alfonso, e tú que conoces tan bien minha alma, meu corpo... — engoliu em seco. Secou uma rápida lágrima com o lenço de seda bordada com suas iniciais. Prosseguiu. — Ainda não sei porque, nem como, mas caí em uma armadilha, Marcelo Alfonso, e preciso descobrir o motivo.

— Marisol Penharol, meu coração está quebrado como nossas contas bancárias. Em pedaços como uma chuleta na brasa, Marisol Penharol. Não posso deixar de cumprir a lei, esta é minha função. Você tem 48 horas para provar sua inocência, ou serei obrigado a conter meu pranto e prender você, Marisol Penharol querida.

— Provarei, Marcelo Alfonso. E talvez isso sirva para que nós possamos resolver outro caso sem solução...

Marisol Penharol e Marcelo Alfonso se amavam. Loucamente. Perdidamente. Haviam estudado juntos desde o jardim de infância. Correram pelos jardins da casa rosada. Dividiram Big Mac. E começaram juntos a investigar os mais escabrosos crimes da Argentina. Eram um casal 20 portenho. Mas Marcelo Alfonso se encantou por uma paraguaia chamada

Michelle Soraya, e a traiu. Desde então, ele entrou para a polícia e ela seguiu a carreira de detetive particular. Mas o amor de ambos não desvaneceu, nem quando um telefonema anônimo insinuou que ele, na verdade, seria seu irmão. Marisol Penharol nunca se esqueceu de seu semblante, um misto de Antônio Fagundes, Burt Reynolds e Thiago Lacerda.

Marcelo Alfonso ordenou que os guardas deixassem Marisol passar. Ela saiu do apartamento de cabeça erguida, disposta a descobrir tudo sobre a mulher que a colocou naquela armadilha que poderia roubar-lhe, mais do que sua liberdade, seu único e verdadeiro amor. Quando as portas do elevador estavam se fechando, Marisol ainda pôde ouvir os soluços do choro copioso de Marcelo Alfonso nos ombros do policial.

* * *

Marisol Penharol entrou em seu escritório desolada. Tinha apenas 48 horas para provar sua inocência e a verdade é que não tinha praticamente peça alguma do complexo quebra-cabeça que se desenhava debaixo de suas madeixas ruivo-acaju da Revlon.

Trancou a porta e abriu as torneiras da banheira de hidromassagem. Separou os sais de banho da Natura e duas rodela de batata para os olhos. Precisava concentrar-se nos próximos passos que daria. “Alguém estava triste a ponto de cometer suicídio. Esta persona conocía a mí, e por alguna razón no me quería bien. Alguém tão perversa a ponto de usar a própria morte para me incriminar...”, divagava, com as batatas

nos olhos e uma taça de Sangue de Boi que bebericava imaginando ser um Romanée-Conti dos velhos tempos.

Vasculhou mentalmente a lista de criminosos que colocou atrás das grades. E também a relação de jogadores de futebol, banqueiros, pagodeiros e compositores de tango que havia denunciado em suas relações extraconjugais. Marisol era uma das detetives mais famosas de Buenos Aires e, pelo menos até o corralito, era também uma das mais disputadas e bem-pagas. A relação de pessoas que a odiavam era enorme, mas ninguém se encaixava no perfil da suicida da Recoleta.

Lembrou-se da revista Caras, a única evidência que pôde trazer. Era uma edição antiga, que narrava a história digna de Cinderela vivida por Elisângela Alfonsín, jovem pobre paraguaia que havia conhecido um milionário do setor de churrascos em Punta del Este e se casado com ele. Era a suicida. Como o marido havia abandonado o lar e fugido do país com a secretária, todos os bens ficaram com ela. A matéria também falava do cirurgião plástico que havia feito uma verdadeira transformação nela: cabelo, peitos, lipoaspiração, depilação permanente, botox e nádegas. “Um Robocop da estética”, dizia a revista.

“Já tenho duas pistas”, pensou Marisol Penharol, saindo da banheira. Vestiu-se rapidamente e em poucas horas estava a caminho da sede da “Boi Manso”, principal empresa do marido de Elisângela. Era um prédio moderno, na Av. 9 de Julho, que abrigava, além da sede da Boi Manso, outras empresas, como a funerária “Adios Muchacho” e a empresa de segurança “AtracaLadrón”. Antes de entrar, retocou a maquiagem, ajeitou o chapéu (de aba larga com uma longa pluma de ganso na frente), borrifou pequena quantidade do Channel Nº 5 que

comprou em Foz do Iguaçu e esticou o longo vestido negro de bolinhas brancas.

Dirigiui-se ao jovem e musculoso rapaz da recepção. “Buenas tardes. Soy Penharol. Marisol Penharol...” Contou que era uma parente distante da ex-secretária do executivo e assim conseguiu seu endereço, em um bairro pobre próximo ao aeroporto de Ezeiza. Rumou para lá em seu Escort Guarujá conversível vermelho.

Estacionou em frente ao endereço dado pelo rapaz da recepção. Pegou seu batom vermelho-púrpura na bolsa Victor Hugo e, quando estava ajustando o retrovisor do Escort para seus retoques, percebeu um carro encostando-se à mesma calçada, cem metros atrás. Era um automóvel familiar, e que ela poderia jurar ter visto pelo espelho diversas vezes no caminho do escritório até ali. Desceu do carro desconfiada, mas seguiu em frente.

Era uma casa modesta, de dois andares. Não tinha campainha. Criados, nem pensar. A saída foi bater palmas. Nenhum som saiu. Marisol teve de tirar as luvas para conseguir ser ouvida. Uma senhora gorda, em um vestido simples e sandálias havaianas atendeu à porta.

— ¿Sí? ¿Qué quieres?

— Procuo por informações sobre a senhorita Dolores Conceição (este era o nome da secretária)... ela está vivendo em Miami, não?

A senhora gorda riu, como se tivesse ouvido uma piada, ou alguma notícia de que o peso valia mais do que o dólar. “Em Miami? ¡No! Ela está aqui... Dolores Conceição, ¡venga acá!”, gritou para o segundo andar da casa.

Surgiu uma bela moça, de aparência simples e sorriso franco. Ela desceu as escadas como se flutuasse sobre os degraus, e veio a ter com Marisol Penharol. Depois de uma longa conversa, Marisol descobriu a verdade sobre o executivo:

— Ele era um homem tão bom... ajudava velhinhas a atravessar a rua... dava flores no dia da secretária — a jovem Dolores Conceição, antes risonha, estava em prantos, seu coração apertava e era visível o sofrimento ao falar do ex-patrão. Na cabeça de Marisol, começava a tomar forma a terrível sina do milionário. — era um homem justo, tratava bem a todas nós... e era forte e saudável... quase não usava seguranças, somente os da própria empresa, a AtracaLadrón...

— Ah, então a AtracaLadrón também é do Sr...

— Sim, era. E a funerária também... — respondeu Dolores Conceição, aproveitando para trocar de lenço e assoar o nariz. Deitou no colo de Marisol Penharol que, assustada, cuidou para que as lágrimas não manchassem seu vestido. — Mas... depois que ele se recusou a contratar um policial para fazer a segurança pessoal da Sra. Alfonsín tudo mudou... ele ficou doente... muito doente... e... e...

A jovem Dolores Conceição mal conseguia falar... chorava e soluçava... Marisol a tomou pelos braços e, ríspida, fez com que ela terminasse a história.

— Então ele ficou doente e... eu o vi morrer, em sua própria sala... mas ninguém soube. A Sra. Alfonsín disse que isto prejudicaria os negócios, e cuidou da remoção do corpo... e disse que me mataria se eu contasse a verdade a alguém... e me obrigou a me mudar, a me esconder neste bairro pobre e sujo...

Era impossível continuar, mas Dolores Conceição já tinha contato tudo que Marisol Penharol precisava saber. “Não há dúvidas. A suicida da recoleta era, antes de tudo, uma assassina!”, deduziu. Marisol agradeceu pela colaboração e saiu em disparada. O próximo passo era descobrir quem foi Elisângela Alfonsín. E ninguém a conheceu tão profundamente como seu cirurgião plástico.

* * *

Já estava escuro quando Marisol Penharol voltou ao escritório. Estava cansada de tanto dirigir e precisava colocar em ordem os próximos passos. Afinal, as 24 horas seguintes seriam decisivas para seu futuro.

Já há alguns meses o amplo escritório na calle Florida servia também de casa para Marisol. A crise espantava até mesmo seus clientes mais tradicionais. Mas ela não vivia mal. Saindo da sala principal, onde Marisol atendia aos clientes, por uma porta lateral, chegava-se ao toalete com a banheira de hidromassagem, ao quarto com o amplo closet e à cozinha equipada com geladeira Brastemp e fogão Continental.

Entrou no quarto. Trocou-se no amplo closet. Vestiu seu pijama azul de peixinhos amarelos e calçou as pantufas de Ursinho Puff. Botou Fito Paez para tocar no som Aiwa e deitou-se na cama com colchão d’água. Tirou um mini-gravador Panasonic com fita Sony e pilha Duracell da bolsa Victor Hugo e gravou o relatório do que havia vivido e descoberto até então.

Cansada, lentamente pegou no sono. Despertou com um forte estrondo – na verdade, o som de vidro estilhaçando. Pulou da cama e tirou a pistola cromada da bolsa Victor Hugo. “A janela da sala!”, pensou. Correu na máxima velocidade que pode correr alguém de pantufas do Ursinho Puff e deparou-se com cacos de vidro espalhados pela sala. O vento da janela recém-aberta fazia a persiana agitar-se fantasmagoricamente. Tomando cuidado para não se cortar, abriu a persiana para tentar identificar o autor dos atentados, mas tudo o que viu foi o vulto de um homem vestindo terno correndo na direção das barracas de flores fechadas.

“Não era Armani”, deduziu. Quando voltou-se, viu uma pedra no chão, e nela um papel amarrado. Era um bilhete, que dizia com letras feitas a partir de recortes de revistas de fofocas e dietas:

“N ã O m E X a cOm OS mo r T O S,
S U a S S A S s I N A!”

Ela já não era somente caçadora. Era também caça. E naquela noite precisou de uma dose de Lexotan para dormir.

Logo pela manhã pegou uma lista telefônica e localizou o endereço do cirurgião plástico, Dr. Guillermo Fabricio. Optou por um vestido negro longo, com chapéu estilo Art Decó e luvas bordadas, mais apropriado para a trama de assassinatos que a envolvera.

Saiu logo após o café da manhã, Sucrilhos com Leite de Cabra e mussarela de Búfala. Abasteceu o Escort Guarujá conversível vermelho com cartão Visa Internacional no posto

Esso e seguiu seu rumo. O consultório do Dr. Guillermo Fabricio ficava em uma área nobre da cidade.

Como a suicida pertencia à alta classe portenha, Marisol Penharol achou por bem agir com discrição, e passar-se por mais uma cliente.

Entrou na sala de espera do consultório, onde três senhoras aguardavam sua vez. Era um espaço pequeno, de 3 x 3 metros, com poltronas, uma mesa com revistas *Caras* e *Contigo* e uma única porta que levava para a sala do cirurgião. Pelas paredes, fotos de Evita Perón, Madonna, Shakira, Madre Teresa e outras mulheres de sucesso. A secretária, uma senhora que certamente jamais fez qualquer operação plástica (embora precisasse), pediu que Marisol se identificasse.

— Penharol. Marisol Penharol. Y quiero hablar con el Señor Guillermo Fabricio.

— Você vai ter que esperar sua vez. O Dr. Guillermo atende por hora de chegada. — respondeu a senhora, com cara de poucos amigos.

Foi uma longa espera, durante a qual Marisol pôde atualizar-se de todos os acontecimentos nas principais novelas, como *Pícara Sonhadora*, *Selva de Piedra* e *Chiquititas*. Também soube de todas as traições, casos, casamentos e noivados da alta sociedade. Por fim, uma voz grossa chamou por seu nome.

Entrou na sala do Dr. Guillermo Fabricio. Era um homem alto e forte, com seus 40 anos. Não usava bigodes e tinha cabelo picotado, na altura do ombro, estilo *Canniggia*.

— Yo necesito de su ayuda — disse Marisol, de pé no centro da sala.

— Sim, claro! Todas precisam! — disse o homem, sorridente, enquanto se levantava de sua mesa e caminhava em sua direção.

Marisol fez menção de caminhar até uma cadeira e de começar a contar seu real objetivo quando ele a interrompeu. “¡No! Não diga nada. Deixe-me adivinhar”, disse ele. E começou a rodear Marisol, olhando-a de cima a baixo. Parou atrás dela e, num rápido movimento, abraçou-lhe por trás e apertou seus seios com força, puxando-os para cima. “Primeiro, vamos levantar estes peitos. Que acha?”

Marisol não esperava por esta situação, e ficou sem palavras. “Despues, vamos afinar esta cintura”, completou ele, simulando com as mãos pesadas o efeito das cirurgias que mencionava. “Y después... vamos tirar estas papadas, esticar a bochecha, eliminar estes pés de galinha, estas rugas, esticar mais o nariz y...”

Como se não bastasse apalpar e apertar, Guillermo Fabricio tirou uma fita durex do bolso, e mantinha esticados com ela os pontos que mencionava, inclusive os seios, erguidos por uma fita presa ao pescoço. Marisol não sabia o que fazer. Tal situação era ridícula, mas há tempos ninguém a tocava tanto. “Na barriga, lipoaspiración y... Oh My God! Que bunda flácida!” Quando Guillermo se preparava para aplicar uma fita crepe 3M dupla face no traseiro de Marisol, ela não se conteve e deu um golpe certo no cirurgião com a bolsa *Victor Hugo*.

— Chega! Não vim aqui fazer plástica alguma! Y estoy muy satisfeita con mi cuerpo! Bien, talvez subisse um pouco o peito mas... — disse Marisol, contendo-se para não se dispersar e se esforçando para falar com todas as tiras de durex esticando seu rosto — Eu quero somente uma informação!

— Mas porque não disse isso logo?- perguntou Guillermo, coçando o queixo atingido pela bolsa.

— Porque você não deixou, ora. Quero que você diga o que sabe sobre esta mulher! — E, dito isto, tirou a revista Caras da bolsa.

O médico pegou a revista e a analisou por alguns instantes, pensativo. Enquanto isso, Marisol descolava as fitas durex. “Si, Señora Elisângela Alfonsín... Un Robocop de la Estética...”, disse, olhar vago e sorriso nos lábios.

— Ela era muito diferente do que está nessa foto. Veio aqui com uma boa quantia em dinheiro, e contratou o Serviço Completo. É uma mulher decidida, muito interessante.

Marisol perguntou se ele tinha alguma foto antiga dela. O médico respondeu que sim e passou a procurar pelo retrato em um porta-arquivos localizado no canto da sala. Puxou uma pasta suspensa e de lá tirou uma fotografia, que entregou para Marisol.

Marisol Penharol não conteve seu espanto quando viu a imagem. Era uma mulher. Uma mulher conhecida. Alguém que a tinha separado de seu grande amor. Uma mulher de passado misterioso e vida desregrada. Uma mulher que fazia amor como negócio. A foto que o Dr. Guillermo Fabricio apresentou como se fosse de Elisângela Alfonsín antes da transformação era, sem dúvida para Marisol, um rosto conhecido. Era Michelle Soraya.

* * *

Marisol Penharol desceu cambaleante do elevador do Dr. Guillermo Fabricio. A cada nova pista, mais confusa ela ficava. “Nada mais faz sentido”, pensou. Que terrível trama uniria ela e Michelle Soraya? E quem era a pessoa verdadeira, Michelle Soraya ou Elisângela Alfonsín? Qual era a falsa? A dama da sociedade ou a dama da noite?

O cirurgião plástico lhe havia passado um endereço, o mais antigo que encontrou na ficha de Elisângela Alfonsín. Ficava na Boca, bairro boêmio de Buenos Aires. Marisol entrou no Escort Guarujá conversível vermelho e arrancou. Já era 1h da tarde, e o prazo de 48 horas já entrava em sua segunda metade.

Quando partiu no automóvel, Marisol não percebeu um homem de terno escondido atrás de um telefone público, que entrando correndo em um automóvel, pôs-se a segui-la.

Se à noite as ruas do bairro boêmio eram movimentadas, repletas de turistas, jovens em busca de emoções diferentes e homens em busca de amores fugazes, durante o dia eram tristes, vazias e sujas. Nas casas coloridas pouca coisa se movia, e pelas ruas a maior parte dos restaurantes ainda não tinha aberto as portas.

As ruas eram todas muito parecidas, e a verdade é que Marisol estava perdida. Antes que se embrenhasse por lugares ainda mais estranhos, resolveu parar e pedir informações.

Estacionou o carro próximo a uma barraquinha de cachorro-quente, um dos únicos estabelecimentos abertos, com uma das poucas pessoas pela região que ela podia avistar. Pensou como, em livros e filmes, é sempre fácil achar vagas para estacionar, e nunca há flanelinhas.

Saiu do carro e arrumou o vestido longo preto, e o chapéu Art Decó. O vendedor de cachorro-quente, um português de longos bigodes e avental branco sujo de mostarda e ketchup, observava cada movimento seu.

— Buenas tardes, señor. Sabe usted donde es la calle Mimosa?

O ambulante a olhou de cima a baixo, examinando detalhadamente cada centímetro de Marisol Penharol. Deteve-se por longo tempo na bolsa Victor Hugo.

— Sim, gaja, eu sei. — respondeu, enquanto mastigava um palito de dentes.

— Entonces... podría me dizer onde é? — insistiu.

— Sim, posso, “ô pá”. Mas não estás a perguntar da maneira certa. Não quer experimentar um cachorro-quente primeiro?

A oferta não era de todo má. Ficou claro para Marisol que a informação, por simples que fosse, não sairia de graça. E lembrou-se que desde o dia anterior não havia comido praticamente nada. Apenas o Lexotan, Sucrilhos e algumas besteiras.

Mas lembrou-se também que nunca tinha comido um cachorro-quente. Se ainda fossem ostras, ou uma *caesar salad*... e, ainda por cima, como comer sem sujar o vestido negro? Era um Versati. Ou pelo menos uma réplica perfeita.

Mesmo assim aceitou a oferta.

— Como tu vais querer o podião, madame? — indagou o português.

Na falta de qualquer resposta melhor, Marisol disse: “Normal”. E o português preparou o almoço: salsicha Sadia,

maionese Carrefour, mostarda Arisco, ketchup Cica, ervilha e milho Etti, queijo ralado, batata palha, azeitona, cebolas, pimentão e tomate. Marisol nunca havia visto sanduíche tão grande. Especialmente porque estava muito mais acostumada à delicada cozinha francesa.

Segurou o bólido alimentar com as duas mãos. As dificuldades começaram quando tentava aproximar a boca do pão, pois o chapéu logo se tingiu com o amarelo da mostarda. O português ria, equilibrando o palito com a língua.

Tirou o chapéu e o colocou no capô do Escort. Tentou morder pelo meio do pão, e jatos de mostarda-ketchup-maionese-com-batata-palha-ervilha-e-azeitona saíram pelas duas extremidades. Por pouco a bolsa Victor Hugo não ganhou novo visual.

Marisol suave, e sua maquiagem ameaçava borrar. O português chamava um homem, Juan Manolo, para assistir a luta de Marisol contra o hot dog. Ela parou um instante para examinar seu adversário, e decidiu atacar pelas pontas.

Antes, porém, equilibrou o *bocadillo* em uma das mãos e, com a outra, procurou por seu lenço bordado na bolsa Victor Hugo. Depois, o prendeu sob o pescoço, com o colar de brilhantes da Amtersdan Sauer. Juan Manolo, ao lado do português, analisava Marisol com olhar ainda mais malicioso.

Era chegada a hora do cachorro quente. Decidida, Marisol atacou a salsicha pela ponta, e em três mordidas havia devorado o titã gastronômico. Ainda com a boca cheia da última mordida, tentando mastigar e limpar a mostarda do lábio, viu Juan Manolo se aproximar.

— Você está procurando a calle Mimosa? Acho que veio ao lugar certo. Venha comigo, eu te mostro o caminho. Deixe o cachorro quente por minha conta.

Marisol ficou impressionada com a gentileza de Manolo, apesar de suas estranhas vestimentas (camisa de seda florida semi-aberta, longo cordão de ouro, calça branca e muitas pulseiras douradas). Seguiu-o por um beco estreito, até uma pequena vila de casas coloridas.

— Você foi muito esperta. Chamou minha atenção e mostrou que entende do negócio... poucas conseguem uma audiência comigo tão rápido... — disse Juan Manolo, enquanto caminhava com Marisol pela vila, até a última casa, onde funcionava uma espécie de escritório.

Marisol não compreendia o que estava acontecendo, mas o seguia para tentar obter mais pistas. Ele prosseguiu: “Geralmente as meninas são mais novas, mas você possui algo diferente, exótico... os fregueses vão gostar. Espere um momento aqui.”

Juan Manolo entrou, e deixou Marisol esperando do lado de fora. Ela aproveitou para fazer um reconhecimento do local. Imaginou ter visto um homem de terno na entrada da vila, mas não teve certeza. Nisso, em uma das casas à esquerda uma porta foi aberta, e de lá saiu uma mulher em direção à entrada da vila. De costas, pareceu muito familiar à Marisol, que correu em sua direção.

Quanto tocou em seu ombro e a virou, Marisol levou um susto, e deu diversos passos para trás. Era Michelle Soraya.

— Que foi? Viu um fantasma? — disse Michelle Soraya, sem reconhecer Marisol.

— E...E...Exatamente! Você está morta!

“Como morta?” Disse Soraya, sem entender nada daquele diálogo. Então reconheceu Marisol.

— Espere aí... você é a... detetive... amiga do policial... — Ao reconhecer Marisol, foi a vez de Michelle Soraya empalidecer. Ela virou-se e pôs a correr em direção à saída da vila.

Começou uma perseguição. No meio do caminho até saída, o salto alto de Marisol prendeu em um buraco e quebrou, fazendo-a cair ao chão. Tirou os sapatos o mais rápido que pôde, levantou-se e voltou a correr. Michelle já havia dobrado à direita, após sair da vila. Quando contornou o muro da entrada, Marisol sacou sua pistola prateada da bolsa Victor Hugo e ordenou que Michelle parasse.

Ela obedeceu.

* * *

Marisol caminhou descalça pela calçada do bairro da Boca em direção à Michelle Soraya, de arma em punho. Havia rasgado a meia-calça Tri-Fil. Sua adversária a esperava, impotente, rendida pela pistola prateada.

— Tudo bem. Vamos conversar. Mas não aqui. Juan Manolo não pode nos ver juntas, Marisol Penharol. Siga-me! — disse Michelle Soraya, virando-se.

Marisol a acompanhou com dificuldade, sentido o chão quente e poeirento sob seus pés. Seguiram pela rua até a esquina, e depois por mais cem metros até um sobrado. Subiram uma escada estreita e, por fim, Michelle Soraya abriu a porta do pequeno imóvel.

Estavam em um quarto-sala modesto. As cores vivas da parede externa contrastavam com o bege descascado do interior. Na parede, um pôster do time oficial do Boca Juniors, e uma flâmula do Palmeiras. “Esta é da conquista da Taça Libertadores”, contou Michelle. “E o pôster tem um autógrafo de Dieguito. Quer água ou um café?”, perguntou.

— Só quero respostas — disse Marisol, seca, guardando a pistola na bolsa Victor Hugo.

Mesmo assim, Michelle abriu a pequena geladeira e tirou duas garrafas de Keep Cooler, e deu uma para Marisol. Tirou um Chiclete Adams da bolsa e levou-o à boca. Vestia uma mini-saia de couro, uma camiseta cor-de-rosa de alça bordada e usava uma tiara de pano prendendo o cabelo maltratado. Depois de minutos de silêncio, disse: “O que você quer saber? Se eu tenho visto Marcelo Alfonso? Não, não tenho. Sabe como é, muito trabalho, muitos pretendentes também... não sobra tempo para gente como ele...”

Marisol conteve o ímpeto de sacar novamente a arma, mas se levantou. “Yo quiero saber quién morió em aquél apartamento en la Recoleta... y por que você matou seu marido rico e veio parar aqui...”, perguntou, começando seu interrogatório.

Michelle riu alto. Depois, sem pressa, bebeu um longo gole no Keep Cooler. Caminhou até uma velha vitrola Philips e colocou um disco de Astor Piazzola para tocar.

— Que apartamento? Não sei do que você está falando. Desculpe, más no puedo ayudarla. — Disse, aproximando-se do sofá onde Marisol tinha se sentado novamente. — Mas se

quiser saber mais detalhes da vida de Marcelo Alfonso, ou que eu conte alguns segredinhos para você deixá-lo louco...

Esta foi a gota d’água. Marisol pulou para cima de Michelle, agarrando-a pelos cabelos. “Maldita! Sou acusada de assassinato, sabia?! Responda-me”. Michelle respondeu empurrando-a com o pé, derrubando Marisol sobre o sofá. Um esbarrão fez a vitrola parar, arranhando o disco de Astor Piazzola. Agora foi a vez de Michelle puxá-la pelos cabelos, mas Marisol aproveitou um descuido de sua adversária e pegou a garrafa de Keep Cooler que estava à sua espera sobre a pequena mesa. Michelle, sem perceber que sua adversária estava armada, tentava morder sua orelha.

Em um golpe rápido e certo, Marisol arremessou a garrafa de Keep Cooler contra a parede, acertando Maradona em cheio. “¡NO! ¡Dieguito! ¡Pobrecito!”, bradou Michelle Soraya, correndo para enxugar o pôster com sua camiseta cor-de-rosa.

Quando terminou, encontrou Marisol de pé, braços cruzados, bolsa Victor Hugo pendurada no ombro, cabelos ruivos-acaçu da Revlon desgrenhados e meia-calça Tri-Fil ainda mais rasgada.

— Tudo bem... eu conto a verdade... — disse Michelle, antes de começar a chorar copiosamente. Contou tudo, entre lágrimas e mais lágrimas.

— Nunca tive dinheiro. Nem marido rico. Nem fiz cirurgias plásticas. Mas tive uma irmã gêmea, Elisângela Soraya... desde criança sempre fomos muito diferentes. Ela quebrava minhas barbies, e sempre ficava com o Ken mais rico... Enquanto ela

tinha a Barbie princesa, eu tinha a Susie faxineira, e tinha que me casar com o Falcon e aquela cicatriz horrível...

“Quando nossos pais morreram em um acidente de avião ela assumiu o comando da casa. Sempre teve mais jeito para os negócios. E me trouxe para cá, onde comecei a trabalhar. Sempre tive melhor jeito com os homens. Um dia ela se apaixonou por um policial. Era Marcelo Alfonso. E ela me pagou para que eu o seduzisse. Depois assumiria meu lugar e ele não notaria a diferença. (lágrimas)

“Mas existia você, e o plano não funcionou. O amor de vocês era mais forte, Marisol Penharol, e eu me recusei a tentar separá-los novamente. (mais lágrimas)

“Então achei que Elisângela havia desistido de Marcelo Alfonso e esquecido de você, mas estava certa apenas com relação ao primeiro. (mais lágrimas ainda)

“Um dia, pela manhã, ela saiu de casa levando todas as nossas economias. Pouco tempo depois, soube pelos jornais que ela havia feito plástica, se casado com um homem rico, e mudado de sobrenome... nunca mais a vi, e desde então tenho vivido em miséria...”

Ao término da narrativa, Marisol e Michelle estavam de joelhos no meio da pequena sala, cercadas por cacos da garrafa de Keep Cooler e da pequena mesa, que havia tombado na briga. Uma poça de lágrimas se formava à frente de Michelle Soraya, e o choro que descia como riachos por sua face rosada vinha juntar-se aos restos de Keep Cooler em sua camiseta. Marisol tinha os olhos mareados.

Estendeu as mãos, e Michelle as pegou. Ficaram ali, de mãos dadas e chorando, por alguns minutos. Então Penharol

falou: “Você teve uma vida de sofrimento. Perdôo você, Michelle Soraya”.

Abraçaram-se, e choraram juntas. Ao se levantar, Marisol abriu a bolsa Victor Hugo e tirou um estojo de maquiagem da Lancome e o ofereceu à Michelle.

— Tome. Isso será útil para você. Esta na hora da Barbie trocar o Falcon por um Ken. Onde você tem um espelho?

Michelle indicou o banheiro. Marisol arrumou o penteado e o vestido negro. Havia puxado um fio, provavelmente durante a luta. Tirou a Tri-Fil rasgada e rapidamente improvisou uma depilação à cera, para que pudesse voltar à rua.

Despediu-se de Michelle e partiu. Mais uma informação. Mais uma vez ela saía mais confusa do que entrara. Nem percebeu que, tão logo desceu as escadas do sobrado, Michelle pegou o telefone e ligou para alguém. “Ela saiu”, disse. Também não viu o homem de terno que a seguiu quando deu a partida no Escort Guarujá vermelho conversível rumo a seu escritório na calle Florida. Precisava rever algumas idéias e o vestuário.

Já não tinha nenhuma pista para seguir. E sabia que estava perto da verdade, mas não o suficiente para esclarecer o caso.

* * *

Abriu desolada a porta do escritório na calle Florida. Exausta, largou a bolsa Victor Hugo sobre a mesa da sala

principal e rumou para o amplo closet, para buscar nova muda de roupa. “¡No puedo desistir!”, dizia para si mesma, enquanto caminhava descalça pelo carpete Tabacow.

Ouviu um apito. Vinha de sua cama. Notou que havia esquecido o celular Nokia prateado pela manhã, e ele tinha uma mensagem esperando por ela.

“Agora é minha vez de vê-la morrer”, dizia. Marisol Penharol gelou. Olhou ao redor, nervosa, procurando o autor de tão misteriosa ameaça. Lembrou-se da bolsa e de sua arma dentro dela.

Correu para sala e a bolsa Victor Hugo já não estava sobre a mesa. Estava na mão de uma mulher, vestida de vermelho. Pela primeira vez, a via frente-a-frente. Era a mesma que, de costas, pulou da janela no apartamento 201 da calle Ortega. Era Elisângela Alfonsín.

Elisângela abriu a bolsa Victor Hugo, tirou a pistola cromada e a jogou de volta para Marisol, que pegou a bolsa no ar. A rival agora apontava a arma para ela, e ambas começaram a andar em círculos, uma ameaçando, outra ameaçada. Como touro e toureiro, dançarino e dançarina de tango.

— Você demorou de novo. Seu carro já não anda tão rápido?
— perguntou Elisângela, a pele esticada pelas cirurgias plásticas exibindo o que parecia ser um sorriso sarcástico. — Há muito espero pelo momento de tirar você de meu caminho... e fiz um caminho bem tortuoso até aqui. Quer saber toda a história antes de morrer?

Marisol disse que sim. Precisava ganhar tempo e pensar em algum plano. Abriu a bolsa Victor Hugo e verificou seus pertences. Elisângela já não parecia tão bonita. De frente, e de

perto, já não lembrava Greta Garbo. Realmente, mesmo sendo gêmeas, podia-se perceber que Michelle Soraya era mais bonita, mais viva. Elisângela, o Robocop da Estética, tinha a pele esticada, fartos seios empinados como se desafiassem a gravidade, e cabelos ruivos tão vermelhos que lembravam os de uma boneca.

Ainda andavam em círculos. Marisol pensou em usar a janela para escapar, e tentava se aproximar dela. Elisângela começou a contar sua história, de costas para a porta de entrada.

“Eu amo Marcelo Alfonso. E a partir de hoje ele será meu, Marisol Penharol. E também hoje você vai aprender que nem a maior detetive de Buenos Aires pode ficar no meu caminho. Usei Michelle Soraya para separá-los, sim, mas não tive sucesso. Então optei por um plano infalível.

“Durante anos pensei em como destruí-la, Marisol Penharol. Casei com meu... falecido esposo, como você já sabe. Ele era rico, e me permitiu comprar beleza, poder e... amigos.

“Precisava garantir que destruiria não só seu corpo, mas sua imagem. Sim, Marcelo Alfonso a ama, e este amor poderia durar após sua morte... a menos que você se tornasse uma assassina...”

— Mas você pulou da janela, eu vi! Como fez isso? — Marisol forjou interesse. Na verdade, sentia-se vítima dos próprios desejos. Buscou intensamente conhecer a verdade sobre este estranho caso mas, naquele momento, tudo o que mais queria era sair dali, escapar de alguma forma. Elisângela estava visivelmente nervosa. A arma tremia em suas mãos, e os anéis coloridos e vistosos impediam que seus dedos ficassem firmes no gatilho. Marisol sabia que isso era um perigo. Buscou

chegar ainda mais perto da janela, enquanto Elisângela prosseguia.

— Tudo foi planejado nos mínimos detalhes, Marisol Penharol. Você não reparou, mas naquele dia eu usava um elástico amarrado à cintura, como aqueles que pessoas usam para pular de pontes. No quinto andar há um parapeito, e lá tinha “amigos” que me seguraram e me levaram para dentro...

— Mas e o corpo que vi da janela? — indagou Marisol, cuidadosamente abrindo, de costas, a janela, sem que Elisângela percebesse.

— Ha ha ha ha... Para quem é dona de uma funerária e mora em frente ao cemitério, conseguir um corpo não é uma tarefa difícil! Outro amigo meu estava lá, e jogou o corpo na rua no momento em que eu pulei.

Quando Marisol já tateava pelo parapeito da janela pensando em pular por ela, aconteceu algo inesperado. Alguém entrou! E rapidamente a agarrou pelos braços, imobilizando-a. Era um homem, e sua presença ali parecia não ter surpreendido a Elisângela. “Será o mesmo homem que vem me seguindo?”, pensou Marisol.

— Este é meu amigo, Marisol Penharol. O bom e fiel Juan Manolo. É ele que vai matá-la, minha querida.

A situação ficava cada vez pior para Marisol. Agora tinha uma louca lhe apontando a própria arma e estava imobilizada por um homem.

Elisângela caminhou na direção dos dois, para entregar a arma a Juan, mas parou no meio do caminho.

— Pensando bem... acho que terei este prazer eu mesma... — disse Elisângela, voltando para perto da porta e esticando o braço com a arma na direção de Marisol.

No instante em que a vilã iria apertar o gatilho, a porta atrás foi arrombada com um forte estrondo. O susto desestabilizou Elisângela. Marisol aproveitou a distração de Manolo para acertar-lhe a região entre as pernas com o calcanhar. “Pena que não estou de salto alto”, pensou.

Mas, com o susto, Elisângela disparou sua arma, e logo havia sangue espalhado pelo carpete Tabacow de Marisol. Um homem de terno pulou sobre Elisângela, buscando tirar-lhe a arma. Era Marcelo Alfonso.

Juan Manolo havia sido atingido no ombro e, com isso, soltou Marisol. Ela se levantou e correu em direção a Elisângela, que havia se desviado do salto de Marcelo Alfonso.

Marisol agarrou o braço de Elisângela, e Marcelo arrancou-lhe a arma das mãos, e esta foi parar sob a mesa da entrada. Elisângela, com o braço livre, deu um tapa em Marisol, que prontamente respondeu com outro. Marcelo tentava apartar a luta.

— Parem imediatamente, é a polícia! — gritou.

— ¡Yo amo Marcelo Alfonso! Saia de meu caminho! — gritava Elisângela, enquanto estapeava Marisol.

— ¡Yo amo Marcelo Alfonso de verdad! E é a mim que ele ama, mocréia plastificada! — Respondia Marisol, aplicando-lhe mais tapas.

Enquanto Marcelo pensava na melhor forma de acabar com a briga, sem que houvesse mortos ou feridos, sentiu um

forte golpe acertando-lhe as costas, na altura das costelas. Na luta entre Marisol e Elisângela, havia se esquecido de Juan Manolo, que estava ferido mas não fora de combate. Ele havia levantado com dificuldade, estancado o sangue que saía de seu ombro baleado e tirado uma pequena faca de seu cinto. Com ela havia esfaqueado Marcelo, que logo cairia ao chão, tomado pela dor.

Ao ver o alvo de sua disputa cair ferido, Marisol e Elisângela pararam de lutar e correram na direção de Marcelo.

— ¡¡¡Marcelo Alfonso!!! — gritaram, em uníssonos.

Tomada por um ódio incontrolável, Elisângela virou-se para Juan, e perguntou. “Por que você fez isso? Eu disse que ele não poderia se ferir, seu estúpido!!!”

— A verdade é que...Eu amo você, Elisângela Alfonso! E não suportaria vê-la ao lado deste almofadinha. — disse, resolutamente, Juan Manolo.

Marcelo estava caído, respirando com dificuldade. Marisol, chorava ajoelhada a seu lado. Elisângela se levantou e correu na direção de Juan Manolo. Quando ela ia golpeá-lo, Juan desviou o corpo.

Sem conseguir parar, Elisângela foi em direção à janela, que não pôde ver antes de Juan desviar-se para o lado. Neste momento o salto alto de seu sapato quebrou, fazendo-a rodopiar e parar de costas para a janela, completamente sem equilíbrio. Seu corpo chocou-se contra o parapeito, e rapidamente inclinou-se para fora. Ela ainda tentou segurar as persianas, mas elas se rasgaram com seu peso. Por alguns segundos, com os pés já fora do chão, Elisângela ficou sentada na janela, mas logo tombou para fora.

Juan se esticou para segurá-la. “Minha Elisângela querida!”, gritou. Com as pontas dos dedos conseguiu agarrar alguns fios de seu cabelo de boneca ruivo, mas a sensação de alívio durou pouco, pois as mechas artificialmente implantadas pelo doutor Guillermo Fabricio soltaram em sua mão, e Elisângela Alfonso caiu pela janela.

Estava morta. Juan gritava seu nome pela janela. Chorando e soluçando, virou-se e correu em direção à porta, deixando o escritório. A sós, Marisol ergueu a cabeça de Marcelo, que já conseguia respirar melhor.

— Estive seguindo você todo o tempo, Marisol Penharol, pois sabia que era inocente. Não podia resolver o caso para você, mas cuidei para que não corresse perigo. Quando uma mulher jogou uma pedra em sua janela... — fez uma pausa para recuperar o fôlego, e manifestou dor quando tossiu — corri atrás dela mas não consegui pegá-la. Achei que era Michelle Soraya, mas não tenho provas...

— Não se preocupe, Marcelo Alfonso querido. Agora está tudo terminado.

— Mas como terminado, doce Marisol Penharol? Se agora você pode ser acusada de matar duas vezes a mesma pessoa! E não poderei testemunhar a seu favor, pois todos na polícia sabem o quanto a amo...

Nisso, Marisol sorriu, e tirou da bolsa Victor Hugo o mini-gravador Panasonic com fita Sony e pilha Duracell, onde havia gravado toda a confissão de Elisângela Alfonso.

— É por isso que a amo, Marisol Penharol... — sorriu Marcelo, em retribuição.

— Eu também amo você, Marcelo Alfonso. Eu amo você.

Beijaram-se longamente, enquanto Marisol afagava o cabelo e o bigode de Marcelo Alfonso, misto de Antônio Fagundes, Burt Reynolds e Thiago Lacerda. Já podiam ouvir as sirenes dos carros da polícia e dos bombeiros se aproximando. Tudo terminaria bem. Penharol havia resolvido mais um caso, talvez o mais perigoso de todos. E um velho caso havia recomeçado. Desta vez, um caso de amor. Destes que só se vê em novelas. E com final feliz.

FIM

Saiba mais sobre o autor e sobre Marisol
Penharol no site www.cassano.com.br

Obrigado pela leitura.
Espero que tenha se divertido.

Roberto Cassano

Novembro/ 2002

Todos os direitos reservados

Foto capa: Roberto Cassano



Você pode copiar e redistribuir esta obra,
desde que:

- 1) Não a venda.
- 2) Não a modifique
- 3) Não a utilize para quaisquer fins comerciais sem expressa autorização do autor